

## **Torre Eiffel**

### **120 anos de sucesso!**

**Oficialmente inaugurada em 31 de março de 1889 e aberta ao público em 15 de maio do mesmo ano, a Torre Eiffel comemora seus 120 anos. Depreciada no início, hoje ela se tornou um dos maiores símbolos da França no inconsciente coletivo mundial. Uma proeza que nada deve ao acaso...**

Sua silhueta imediatamente reconhecida faz o mundo inteiro sonhar. No entanto, quantas críticas recebeu no início! Guy de Maupassant, Charles Gounod e Alexandre Dumas Filho vilipendiaram numa carta conjunta *“a inútil e monstruosa Torre Eiffel”*, *“a desonra de Paris”*. *“Supositório coberto de buracos”*, para Huysmans, *“esqueleto desengonçado”*, para Maupassant... Mas Gustave Eiffel não se deixou abater. O engenheiro respondeu aos artistas: *“a Torre terá sua própria beleza”*.

O público, por sua vez, não se enganou e passou a visitá-la em massa desde a sua inauguração por ocasião da exposição universal de 1889. Dois milhões de curiosos precipitaram-se para visitar a construção mais alta da época (a torre só perdeu esse título em 1930, com a construção do Chrysler Building de Nova York). Foi um triunfo. Dezenas de milhares de corajosos sequer esperaram a instalação dos elevadores para subir até o topo.

Entretanto, com o fim da exposição, o número de visitantes caiu drasticamente. Nada resolvia, nem mesmo a redução do preço do ingresso. Alguns espíritos mais amargos chegaram a pedir a destruição da edificação. Para evitar essa catástrofe, Eiffel decidiu tornar sua obra rentável explorando seu potencial científico. Uma pequena estação de observação foi instalada, depois a torre de uma antena TSF (telégrafo sem fio) e finalmente uma antena de teledifusão...

Os visitantes continuaram sendo raros e só nos anos 60, com o surgimento do turismo internacional, é que a frequência alçou voo definitivamente. Até o momento, a torre já ultrapassou a marca de seis milhões de entradas anuais.

## **Iluminação**

Para continuar atraindo os curiosos, a Dama de Ferro sabe variar seus ornamentos. Ela cintilou na passagem do ano 2000. Enfeitou-se de azul (para o Dia da Europa, em 2006 e a presidência francesa da União Europeia, em 2008), de vermelho (para celebrar o Ano Novo chinês, em 2004) ou de verde (por ocasião da Copa do Mundo de rugby de 2007).

Cada vez que se trata de celebrar um grande evento, a Torre Eiffel está presente. No que diz respeito à sua notoriedade, a repercussão está garantida. Isso significaria que a Torre tornou-se o vetor de comunicação do Estado francês, o intermediário de todas as operações de grande porte? Na realidade, ela sempre foi, e antes mesmo de sua construção.

Na época, os dirigentes europeus se deram conta de que os avanços tecnológicos podiam servir de vitrine política, já que a opinião pública era sensível ao progresso. Ao apresentar suas inovações, um Estado demonstra a sua superioridade aos rivais. Gustave Eiffel não se enganou, ao apresentar o “*resumo da ciência contemporânea*” que é a sua obra, mas também a “*ousadia de sua concepção*” e, principalmente, a prova de que “*não somos simplesmente o país dos divertidos, mas também o dos engenheiros e construtores que são chamados de todas as regiões do mundo*”.

Símbolo do *savoir-faire* (em tradução literal, do saber fazer) francês, a Torre suscita admiração, mas também ciúmes. É incontável o número de réplicas e cópias certificadas nos Estados Unidos, na China, no Japão, etc. Mas, o que ela é, na realidade? A melhor definição é certamente a de Roland Barthes<sup>1</sup>: “*Olhar, objeto, símbolo, a Torre é tudo o que o homem coloca nela, e esse tudo é infinito. Espetáculo observado e observante, edifício inútil e insubstituível, mundo familiar e símbolo heróico, testemunha de um século e monumento sempre novo, objeto inimitável e incessantemente reproduzido, ela é*

*o signo puro, aberto a todos os tempos, a todas as imagens e a todos os sentidos: a metáfora sem freio: através da Torre, os homens exercem essa grande função do imaginário, que é a sua liberdade, já que nenhuma história, por mais sombria que fosse, jamais conseguiu lhe retirar isso”.*

Apesar de apresentar hoje uma idade canônica, a Dama de Ferro não deixou de fazer o planeta sonhar...

Nathalie Gricorciuk